

# O JARDIM DO ÉDEN

*José Augusto Mourão\**

## RESUMO

Analisa-se aqui a tópica do jardim-paraíso que não é própria da Bíblia, mas de um amálgama das tradições. As Américas são para o colonizador ibérico entre o século XVI e XVIII uma verdadeira matricialidade do paraíso. Os escritos dos cronistas lusitanos, através do milagre da analogia, dão-nos a sensação do Paraíso, fazendo comunicar no mesmo espaço o Eldorado, o Nilo, o São Francisco e o horto de delícias. A descoberta da América foi para muitos a descoberta do Paraíso perdido. A questão hoje não é “onde está o Paraíso?”, mas sim: “para onde vai o mundo?”

**Palavras-chave:** Jardim, Paraíso, Américas, colonizador, cronistas, analogia, horto, descoberta

## THE GARDEN OF THE EDEN

We analyse here the theme of paradise which is not the one you can find in the Bible, but the one which has its origin in the diffusion of tradition. America is for the Iberian colonizer from the XV to the XVIII century the true matrix of paradise. The texts of the Portuguese chroniclers, give us the idea of Paradise through the miracle of analogy. This is done by means of concentrating in the same place Eldorado, Nile, S. Francisco and the *hortus deliciarum*. The discovery of America was for many the discovery of the lost paradise. The question we ask today is not: where is Paradise, but where does the world go to?

**Key words:** Garden, Paradise, Americas, colonizer, chronicler, analogy, nursery, discover

---

\*Professor associado com agregação da Universidade Nova de Lisboa, Departamento de Ciências da Comunicação. E-mail: joseaugusto@hotmail.com

*Se mai è esisto, non può che essere stato in questi luoghi*  
Amerigo Vespucci

*On ne peut se passer d'Éden*  
Mallarmé

*Imperfect is our paradise*  
Wallace Stevens

1. Se é verdade que o visível não precisa de nenhuma consciência para se fazer ver, também é verdade que os horizontes de visibilidade são condicionados pelas visões do homem. “A imagem está na intersecção da luz que vem do objecto e da que vem do olhar” (Platão). Também não há dúvida que é o ponto de vista que cria o objecto, como Saussure sustentava. “A perspectiva é o ofício fundamental do olhar, sem o que nunca veríamos um mundo”, escreve Jean-Luc Marion (1996, p. 15). A cada campo (fundo de evidências partilhadas que assegura um consenso sobre o sentido do mundo) corresponde um ponto de vista, uma *doxa*. E um paradoxo, que na visibilidade introduz aquilo que nela não se deveria encontrar: o invisível. É esse o efeito da “fé comum da tradição humana” em que se escoram Simão de Vasconcelos, Gabriel Soares de Sousa, Pero Gândavo e Fernão Cardim para justificarem o maravilhoso das lagoas douradas, reluzentes serras, seres monstruosos e inumanos e a plantação do homem naquele horto afortunado. Se é verdade que, como escreve Vieira, “o que entra pelos ouvidos, como tem menos evidência, move com menos força, mas o que entra pelos olhos, recebe a eficácia mesma da vista e move fortíssimamente” (Vieira, 1944-45 [1679], p. 66), é bem mais a crença que empresta relevo, volume e textura aos objectos e às gentes – *tabula rasa* – que não falam e sobre os quais tudo se pode escrever.
2. O paraíso-jardim é a imagem primeira, que não é própria da Bíblia. Ainda que a palavra nos chegue do Oriente, a poesia dos Gregos e dos Latinos canta abundantemente este lugar de delícias. Jean Delumeau fala do “amalgama das tradições”: de Moisés e Homero a São Tomás de Aquino. O Jardim é sempre a evocação da Vida, da fecundidade em superabundância. É também a realização da

terra prometida a Israel, uma terra “fértil e espaçosa, uma terra onde corre leite e mel” (Ex 3, 8), um país que “repousa da guerra” (Jos 11, 23). A Carta aos Hebreus sugere que no Paraíso estaremos no sétimo dia da criação, o *Dia do Repouso* do Criador (He 4, 1ss), em toda a sua glória. O jardim é, por excelência, esse espaço pacificante, utópico lugar de sossego e de recolhimento, transmitindo uma mensagem simbólica e alegórica da felicidade. Imagem da eternidade e da totalidade do mundo, o jardim é o avatar da felicidade original, utópica: fora do mundo, fora do tempo. *Ver perpetuum*, o paraíso terrestre é um mundo sem inverno nem envelhecimento. A essência do jardim é o Tempo. “Deus todopoderoso começou por plantar um jardim. E na verdade é o mais puro dos prazeres humanos” (Bacon).

3. O Paraíso textualiza-se, antes de mais. Apesar de preferirmos a integridade imaginada de um objecto metafísico à versão estável dos textos que temos. Apesar de sabermos que a estabilidade dos documentos baseados em papel é tanto um produto da nossa crença metafísica num texto transcendente como uma qualidade imanente ao objecto físico. Como separá-los? E como separar na sua interior tessitura aquilo que é pensamento cosmológico, pensamento ético e político e pensamento escatológico? Tanto a versão babilónica do mito acadico acerca da criação – *Enuma Elich* (“Quando no alto”) – como a versão sacerdotal do mito bíblico são textualizações do Paraíso. Não faltam testemunhos escritos dessa visão ou desse sonho. O autor de Gn 1,26-31 sabe que o mundo que evoca não é real. O mito do “combate primordial” era um dado comum às civilizações do antigo Próximo Oriente. Além do mundo bíblico, conhece-se a sua existência na Mesopotâmia, em Mari, entre os Hititas, em Ugarit. No Egipto a existência do mito está já documentada no século XXIV a.C., no Sul da Mesopotâmia (Durand, 1943). O objecto específico do mito é a ordem do mundo. Os mitos da criação não visam explicar a origem do mundo, mas afirmar a vitória contra o caos, legitimar a supremacia do herói divino, fundar a supremacia de Marduk contra Tiamat e sobre os outros deuses do panteão do Sul da Mesopotâmia, como ressalta do *Enuma Elich*. De facto, o caos tem o mesmo nome em Gn 1,2 e no *Enuma Elich*. O ordenamento do mundo resulta da vitória do Deus supremo, Javé, despojado do carácter bélico que reveste Marduk, por exemplo, contra o caos

primordial (Levenson, 1988). Contudo, a história primordial do Génesis não é uma crónica, mas um poema didáctico acerca de acontecimentos ocorridos *in illo tempore*.

4. Na Bíblia o jardim do Éden estende-se do Egipto à Índia. Era um mundo completo, uma sociedade sem multidão e uma solidão sem isolamento. O jardim do Éden, a Terra Prometida, Jerusalém, e o monte Sião são sinónimos que designam a morada da alma e, na imagística cristã, são todos idênticos na sua forma “espiritual” ao reino de Deus de que fala Jesus. Que miragens convergem neste mito? Antes de mais a miragem da justiça, equivalente àquilo a que pode chamar-se a ordem do mundo (Reventlow & Hoffman, 1992, p. 163-172), a *maat* egípcia e o *me* dos Sumérios.<sup>1</sup> A ordem do mundo é o resultado da vitória de Deus contra o caos, a desordem primordial, absoluta. Ordem do mundo e criação são sinónimos nesta história primordial (Gonçalves, 1999). Pensar a criação como obra feita e recebida é pensar a unidade profunda que liga três ordens ou ordenamentos (*Ordnungen*), no plano cósmico, no plano político e no plano jurídico, sendo a salvação encarada como regresso à ordem em cada um dos três registos (Ricoeur & LaCocque, 1998, p. 87).
  
5. No Antigo Testamento, o Paraíso não é mencionado como tal, e, sim, como Jardim do Éden, palavra que em hebraico significa *prazer* ou *delícia*. No imaginário cristão o jardim do Éden deve ter sido o ponto mais elevado do mundo: Dante coloca-o nos antípodas, no cume da montanha do purgatório, de acordo com uma tradição que remonta a Efrém, Lactâncio, a João Damasceno, Beda e Pedro Lombardo que colocavam o jardim do Éden tão alto que as águas do Dilúvio não o atingiam. Milton opõe o Éden no alto dos céus à “planície sujeitada” que está em baixo. N. Frye assinala como muito possível que se tenha na origem imaginado a árvore de vida como uma palmeira que em grego se chama também *phoinex*. Num poema em velho inglês sobre a fénix, que é uma paráfrase de Lactâncio, começa por uma bela descrição do paraíso terrestre ou Eden que é a morada da fênix (Frye, 1984, p. 127).

---

<sup>1</sup> Sobre estes conceitos, veja-se CARREIRA (1994), p. 83-87, 152-154, 158-170 e 237-239.

6. Apesar da advertência de Lutero e Du Bartas de que “é vão perguntar hoje onde se encontrava e o que era este jardim” (vide a obra monumental de Delumeau, 1992, p. 203ss), para os contemporâneos de Dante, para o autor do *Orto do esposo* ou do *Tratado da terra do Brasil* o paraíso não era uma pia ficção. À primeira vista, as descobertas deveriam ter arrebatado das terras da Ásia, da África e das Américas o monstruoso e o fabuloso das suas representações. Com efeito, as sugestões edénicas estão em toda a parte, fazendo a ligação entre o Velho e o Novo da maneira mais inusitada, milagrosa. Milagre da analogia que em tudo discerne florestas de signos, correspondências, sinestésias, quando a Natureza ainda era *codex vivus*, semelhante ao *codex scriptus* da Bíblia, como virá a dizer Campanella. Estranha alquimia da linguagem que faz coexistir, num mesmo tempo, a crença fabulosa na proximidade do Paraíso Terreal e a ciência da navegação. Que faz comunicar num mesmo abraço o Nilo, o São Francisco e o horto de delícias onde moraram os nossos primeiros pais. Não é a *granadilla* (o maracujá) para León Pinelo o pomo edénico que encontrou na Nova Espanha? E não via Gândavo nas bananas cortadas aquele sinal “à maneira de crucifixo” por elas manifesto? Longe estamos do “realismo sóbrio e desenganado”. Sérgio Buarque de Holanda di-lo com muita pertinência a propósito do quadro que Manuel da Nóbrega traça do seu primeiro contacto com o Novo Mundo, “se corresponde à convenção e aos motivos habituais do *hortus amoenus*, também corresponde a uma tendência geral, entre seus conterráneos, ao menos no século XVI, e no Brasil, para reduzi-los constantemente às dimensões do verosímil” (Holanda, 1985, p. 238).
7. O “Novo Mundo” chama-se assim não apenas por razões geográficas, mas também por motivos escatológico-messiânicos. O *Apocalipse* era, num ambiente de fim de tempo, o livro então mais comentado. O mundo ia mal e devia esperar-se o seu ocaso fora do mundo conhecido. Para Colombo, um homem entre duas idades – medieval e renascentista – a terra a que aportara era o país das maravilhas, esse *outro mundo*, o paraíso terreal: “Tengo asentado en el ánima que allí es el Paraíso terrenal”.<sup>2</sup> Avistando a costa do Pária, tudo lhe dizia estar a caminho do verdadeiro paraíso

<sup>2</sup> Viajes I, 217.

Terreal. Em carta ao Sumo Pontífice, em 1502 escreve ele: “Creí y creo aquello que creyeron y creen todos santos y sabios teólogos que allí, en la comarca, es el Paraíso terrenal” (Colombo, 1825-1837, p.327). O genovês começa por ver no Pária, ao norte da Amazónia, em lugar que Schöner, no seu Globo de 1515, identifica com o Brasil – *Paria sive Brasilia* – a verdadeira porta do Éden. Para este navegador, as novas Índias ficavam na orla do Paraíso Terreal. Numa outra carta enviada aos reis católicos diz o genovês “[...] y agora entre tanto que vengan á noticia desto destas terras que agora nuevamente tengo asentado en el ánima que allí es el Paraíso terrenal, irá el adelantado aquellas partes” (Navarrete, 1825-1837, v.1, págs. 386 e segs).

8. Cristóvão Colombo arrasta na sua crença da localização do Paraíso uma série de historiadores, entre eles Antonio de Herrera Y Tordesillas (1933-1953 [1601-1615], 1ª dez., 1, III, cap. XII, pp. 281), Francisco Lopez de Gomara (1954 [1552], v. I, pp. 150 e 151; 1962[1552], 1. II, cap. XIV, pp. 84 e 85).

Até Colombo, a fantasia utópica era o (re)encontro do Paraíso Terrestre, o que vinha desde a Idade Média. Com a descoberta da América, isto se torna como que uma realidade, não exactamente idêntica à fantasia mítica da Bíblia, que se esperava encontrar no Oriente, mas que oferecia várias das particularidades daquilo que se procurava: a natureza exuberante, com fauna e flora exóticas; o clima tropical ou ameno, mas em geral nunca frio; a profusão de água doce e a pronunciada riqueza mineira, em ouro, prata e pedrarias. (Vianna-Dias & Souza, 1993, p. 640).

A Serra negra ou das Esmeraldas, o metal amarelo, noticiadas por Gândavo que fala de pedras verdes encontradas numa serra “fermosa e resplandecente” (Gandavo, s.d., cap. 9), Porto Seguro e a “alagoa grande” a mágica lagoa de onde procede o Rio de São Francisco e muito ouro que haveria em volta dela, indiciam uma outra mitologia, um outro empolgamento da imaginação ligado ao enigmático Dourado. Sérgio Buarque da Holanda sublinha, a propósito, o paralelo que alguns autores acham entre o São Francisco e o Prata de um lado, e do outro o Nilo, cujas águas, segundo velha tradição teriam suas verdadeiras origens no Éden

(Holanda, 1985, p. 61). Deste modo se encontrariam os motivos paradisíacos e o mito do Dourado. Verdadeiramente, as Américas são, para o colonizador ibérico, entre o século XVI e XVIII, uma verdadeira materialização do paraíso.

9. Intuitivamente, sabe-se que a cosmogonia semiótica comporta, como a visão do mundo indo-europeia, a concepção do universo articulado em quatro principais elementos. Poder homologar dois destes elementos – o fogo e a água –, como os fundamentos da representação imaginária do Além parece suficiente. Sabe-se que o Além, ou pelo menos a sua parte acolhedora para um bom muçulmano é aquática e que o Paraíso é verde como o “vert paradis des amours enfantines” de Baudelaire. Os cronistas dos descobrimentos transpõem a sua visão do Além para o paraíso que julgavam perdido, dotando-o das mesmas galas que lêem no livro do Génesis. A imagística do jardim do Eden é uma imagística do oásis: árvores sempre verdes e água. Aquilo que mais impressiona Colombo no Haiti é a altura das árvores, viridentes e viçosas. A história do Éden parece implicar a existência de um oceano de água doce por cima da terra, donde brotam os quatro rios do Éden. Os nossos cronistas estão permanentemente a topar com os *loci amoeni* transladados dos livros de devoção que tinham lido. É claro que para um povo que originariamente viveu no deserto, o oásis é a imagem inevitável de uma ordem providencial, um jardim criado e mantido por Deus, um habitat – é a forma visível da criação divina invisível. Estão aqui os elementos com que compor a configuração do Paraíso: natureza exuberante, exotismo, clima ameno, profusão de água doce, riqueza mineira.
10. A *emoção* está no fundamento da nossa representação do mundo natural. Existe uma tipologia bem conhecida dos jardins que tem em conta este dado. Ao jardim da inteligência (ego-lógico) opõe-se um jardim da sensibilidade (ego-pático) – jardim romanesco ou pitoresco (XVIII). O jardim não é, dominantemente, um universo de razão mas antes de sensação. Rousseau, por exemplo, opõe o jardim da sensibilidade (Eliseu) ao jardim da inteligência (Versalhes) (Parret, 1988). Fundamentalmente, o jardim corresponde à arte da metamorfose, da transposição. O princípio da natureza irregular e a exigência da sinuosidade foram enunciados por teóricos ingleses do jardim como uma noção *exótica*: com a beleza das combinações

desordenadas faz-se o elogio da antissimetria e a “bela desordem” como figura calculada. O exotismo e o cosmopolitismo são intertextuais. De facto, os motivos da longevidade, da salubridade da terra e da temperança do clima estendem-se em rede desde Isidoro de Sevilha ao *Horto do Esposo*, às crónicas de Gândavo e Anchieta. O jardim com que os descobridores das terras idílicas do Brasil se deparam não é certamente o jardim objectivo (da Renascença italiana – o Sonho de Polifilio), mas sim o jardim afectivo – da China imperial que é musical, exótico (vide Parret, 1988, p. 174; Cf. Grimal, 1984, s.d.). Este jardim questiona, antes de mais, a dicotomia natureza *vs* cultura. Este jardim manifesta-se como uma natureza cultivada, culturalizada. A arte introduz-se na natureza, mas o jardim separa-se da “natureza selvagem” tornando-se “natureza pintada” (XVIII). A visão que dá o Almirante daquilo que vê, de tão maravilhoso, só pode encontrar um equivalente na tradição literária que nos vem de Dante, passando por Pedro Alíaco, entre outros, transfigurada. Os escritos dos cronistas lusitanos respiram este fundo emotivo. O sabor, interiorizando a experiência táctil, olfactiva e gustativa, desenha, como se sabe em semiótica, um “teatro interno” do corpo: “O odor franqueia a fronteira do si-pele: o som atinge directamente o eu-carne, a própria *matéria* do corpo”, escreve J. Fontanille (1999, p. 47). É de facto através do odor das árvores e das flores que o genovês tem a sensação de Paraíso: “Y llegando yo aqui a este cabo (Cabo Hermoso) vino el olor tan bueno y suave de flores ó árboles de la tierra, que era la cosa mas dulce del mundo”.

11. A geografia visonária do *Novus orbis* que Colombo nos faz chegar por carta reproduz, de facto, e a seu modo, a geografia fantástica do Renascimento. Quando, em 1500, os descobridores europeus toparam com os Tupiniquins, muito espantados ficaram e deslumbrados com a inocência aparente dos Ameríndios, vendo neles a pureza adâmica, e suspeitando mesmo da proximidade do paraíso térrea (Holanda, 1985). Imaginam-nos sem crenças, sem religiões e sem superstições: *sem fé, nem lei e nem rei*.<sup>3</sup> À imagem

---

<sup>3</sup> A terceira carta manuscrita do florentino Amerigo Vespucci, de 1502, é em grande parte responsável por este mote que ditará, lamentavelmente, a interpretação do índio: “No tienen ni ley ni fe ninguna, viven de acuerdo a la naturaleza, no conocen la inmortalidad del alma” (Vespucci, 1989, pp. 76-79).



do homem adâmico antes da ordenação do caos. Colombo, a 12 de outubro de 1492, ao chegar ao Novo Mundo, julgou ter alcançado o Paraíso terrestre. Descreve ele deste modo os primeiros homens silvestres que viu:

andan todos desnudos como su madre los parió, y también las mugeres, aunque no vide más de una farto moça, y todos los que yo vi eran todos mançebos, que ninguno vide de edad de más de XXX años, muy bien hechos, de muy fermosos cuerpos e muy buenas caras, los cabellos gruessos cuasi como sedas de cola de cavallos e cejas, salvo uns pocos detrás que traen largos, que jamaiscortan. (...) Ellos todos a una mano son de buena estatura de grandeza y buenos gestos, bien hechos (C. Colón, 1982, pp. 30 e 31).

Os Portugueses só em 1500 tomam oficialmente posse da costa brasileira, aquando da Segunda armada enviada para a Índia. Pêro Vaz de Caminha é o primeiro escrivão a dar conta de tudo quanto viu (ou julgou ver) e ouviu. Em Carta datada de 1 de Maio de 1500, ao rei de Portugal, Dom Manuel I. Caminha retoma o modelo já traçado por Colombo:

a feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. (...) os seus cabelos são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais do que de sobrepenete, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. (...) E naquilo me parece ainda mais que são como aves ou alimárias monteses, às quais faz o melhor pena e melhor cabelo que às mansas, porque os corpos seus são tão limpos, tão gordos e formosos, que não pode mais ser. (Caminha, 1967, pp. 226, 231 e 241-242).

Como a Colombo, também a Pero Vaz de Caminha, que não reflecte menos as fabulações antropológicas de quatrocentos, a simplicidade e a inocência das gentes lhe lembra a imagem do Paraíso Terrestre. No que toca à inocência, “a de Adão não seria maior quanto à vergonha” (Mourão, 1997, pp. 169-179).

12. O Jardim do Paraíso não é semioticamente menos prodigioso que o ornitorrinco de Kant. Ao esquematismo cabia fazer a ponte entre o sensível e o inteligível. A analogia fazia o resto. E aí Santo Agostinho tem razão: a escuta e o entendimento dos signos navega entre o regime do sensível (e sobretudo da visão) e o da inteligência (a “cogitatio”). As duas fontes do conhecimento unem-se ao fim e ao cabo numa só, na medida em que o mundo é linguagem divina. Em último caso, todas as coisas percebidas como signo são signos naturais que revelam a vontade de Deus na criação terrestre. A analogia situa-se na fronteira do pensamento mágico e do pensamento lógico, na medida em que resulta de um empirismo de primeiro grau. Alimenta um saber horizontal empírico, técnico, infratranscendental porque ela própria é infrassimbólica. Integrada num contexto cultural torna-se uma forma de retórica: a *alegoria*. Embora testemunhe de uma certa liberdade em relação ao pensamento discursivo está ainda incluída no pensamento da logosfera babélica (R. Debray). Com Colombo ou com Caminha, com Pinelo ou com Cardim, continuamos em pleno reino da analogia e no prolongamento das convenções medievais sobre o Éden. Continuamos diante de pinturas em tudo semelhantes e com valorizações também em tudo semelhantes. A nudez representava a falta de civilização, mas também simbolizava a inocência de que os homens disfrutaram no paraíso, antes deles terem sido expulsos, como conta a história primordial do Génesis. A teoria das correspondências permite ler tudo, as coisas e os humanos. Pela fisionomia se conheciam as qualidades espirituais dos homens: *In facie legitur homo* (Pinto, 1992, p. 52). As interpretações que fazem Philon e Orígenes do Paraíso são claramente alegóricas. O colibri é o mensageiro de outra vida. O rouxinol cantará onde nem mesmo existe. A esmeralda (*lapis prasinus*) é, na tradição bíblica, uma gema tipicamente paradisíaca, tendo nas alegorias e “visões” paradisíacas um lugar de destaque. Até a filomela, o rouxinol enobrecido pela filiação mitológica, um pássaro desconhecido naquelas paragens, encontra neste cenário edénico, por força da convenção literária, um lugar de eleição. A existência de um arbusto cujas folhas cheiravam a canela bastava para se inferir que ali havia canela. Daí, fácil era o salto interpretativo de que se encontrava no Oriente das especiarias.

13. Os fumos da fantasia não desaparecem diante do mais cru realismo. Os cronistas da época oscilam entre um espírito científico admirável para aquela época e uma credulidade sem peias. Simão de Vasconcelos nas suas Crónicas Curiosas tentou responder à pergunta sobre se o mesmo Paraíso não seria na América consultando alguns mestres de Lisboa, Évora e Coimbra. De facto nada havia de definido em matéria de fé sobre o sítio do Éden. O autor apenas colocava a possibilidade de achar-se na América, isto é, no Brasil. O leitor devia decidir dessa probabilidade. Não obstante esses pareceres, veio ordem terminante no sentido de se riscarem os tais parágrafos e de se recolherem os 10 exemplares já impressos e distribuídos a amigos de Vasconcelos (p. 134). Ao lado dos cinco livros, de 88 capítulos que devotou Antonio de León Pinelo a este tema, os sete parágrafos de Vasconcelos, nada são, de facto. Antonio Leon Pinelo não tem dúvidas nenhuma de que o Éden está situado no coração da América do Sul. Tudo ali está: os rios paradisíacos, a árvore da ciência do bem e do mal, que seria o maracujá, o homem, que nasceu na América do Sul, Noé. Pero de Magalhães Gândavo falava das constantes andanças dos Índios que, falecendo-lhes as fazendas capazes de detê-los em suas pátrias, não tinham senão o intento de “buscar sempre terras novas, afim de lhes parecer que acharão nellas imortalidade e descanso perpetuo” (Gandavo, *Historia da Provincia de Santa Cruz*, p. 148). Tudo se desloca. Sob a forma de Eldorado, esse paraíso colombino desloca-se para a Guiana e para o rio de Orellana. Tomás de Aquino, para citar apenas uma autoridade na matéria, situa o paraíso no Oriente, como toda uma tradição antes dele. Acreditava ele que o paraíso fora colocado num lugar muito temperado, ou no equador ou algures.<sup>4</sup> Gabriel Soares não resistiu à fama das riquezas da lagoa dourada às cabeceiras do Rio São Francisco. Manuel da Nóbrega não deixa de acrescentar à breve descrição das suas mulheres guerreiras o motivo que lhes faz merecer talvez mais fé e estima: “Entre estas Almazonas, dizem que está a notícia do ouro” (Nóbrega, 1953, p. 168). Simão de Vasconcelos, mais do que todos, deixa-se arrebatar pelas aves do Brasil, escrevendo, “só n’aquelle primeiro Ceo terreno podião pintar-se tão finas cores” (Vasconcelos, 1865, I, pág. CXLIII).  
Chega

<sup>4</sup> Tomás de Aquino, *Suma teológica*, Ia, qu. 102, art. (ed. Do Cerf, 11, p. 281).

a abonar com o seu depoimento pessoal os mais extravagantes fenómenos, como o é a metamorfose de uns bichinhos brancos, nascidos à tona da água, que julga ver, com seus olhos, fazerem-se mosquitos, estes mudarem-se em lagartixas, estas tornarem-se borboletas e finalmente as borboletas transformarem-se em colibris (Vasconcelos, *Vida do P. Joam de Almeida da Companhia de Jesus na Província do Brasil*, p. 236).<sup>5</sup>

A fénix é para Cardim o guainumbi ou guaraciaba. E Simão de Vasconcelos pretende mesmo tê-la visto na figura do beija-flor (Vasconcelos, 1865, I, pág. CXLIV). A “fé comum da tradição humana” não repugna que Deus tenha plantado o Paraíso terreal no Grão-Pará. Nem Colombo nem os nossos navegantes teriam reconhecido nas Américas o Jardim do Éden se esse Jardim não se enquadrasse num saber já disponível. Aí se jungem o livro da criação e o livro das coisas. O “consenso da comunidade”, em termos kantianos, e a “fé comum da tradição humana”. A crença na realidade física e actual do Éden era então uma crença inabalável e comum. Havia os *mapa-mundi*, havia o livro do Génesis como ponto de partida indiscutido para as “visões” do Paraíso, havia as tradições que faziam força de prova. Nada faltava a esse desejo de paraíso: nem a viridência das folhas das árvores (*Folium eius non defluet*), que prometia a eterna juventude, nem o muito bom cheiro daqueles sítios, nem o trinado das aves que cantavam mui deleitosamemnte. Nem a dor nem a enfermidade ali moravam, nem o calor nem o frio atormentavam: A terra que hoje dá o atro acónito ou plantas ásperas e mortíferas, adorna-se de saudável folhagem; as únicas lágrimas que vertem os bosques são as do incenso, misturado à olorosa mirra ou ao bálsamo, e a doce sombra do arvoredo suaviza os rústicos ágapes: leite e glandes ou zimbros e framboesas (Holanda, 1985, p. 185). Aquilo que mais acontece nas aventuras do conhecimento é procurar reconhecer no desconhecido o que de uma forma ou de outra já conhecíamos. Nem que seja de ouvir dizer. Roland Barthes (1957) falava da pervivência do mito. Onde está o Eldorado? O “paraíso dos loucos” é esse onde chegam aqueles que tentaram

---

<sup>5</sup> Cf. Holanda (1985) p. 131. Veja-se também uma passagem de Cardim (1925, p. 53) sobre a conversão da borboleta em passarinho.

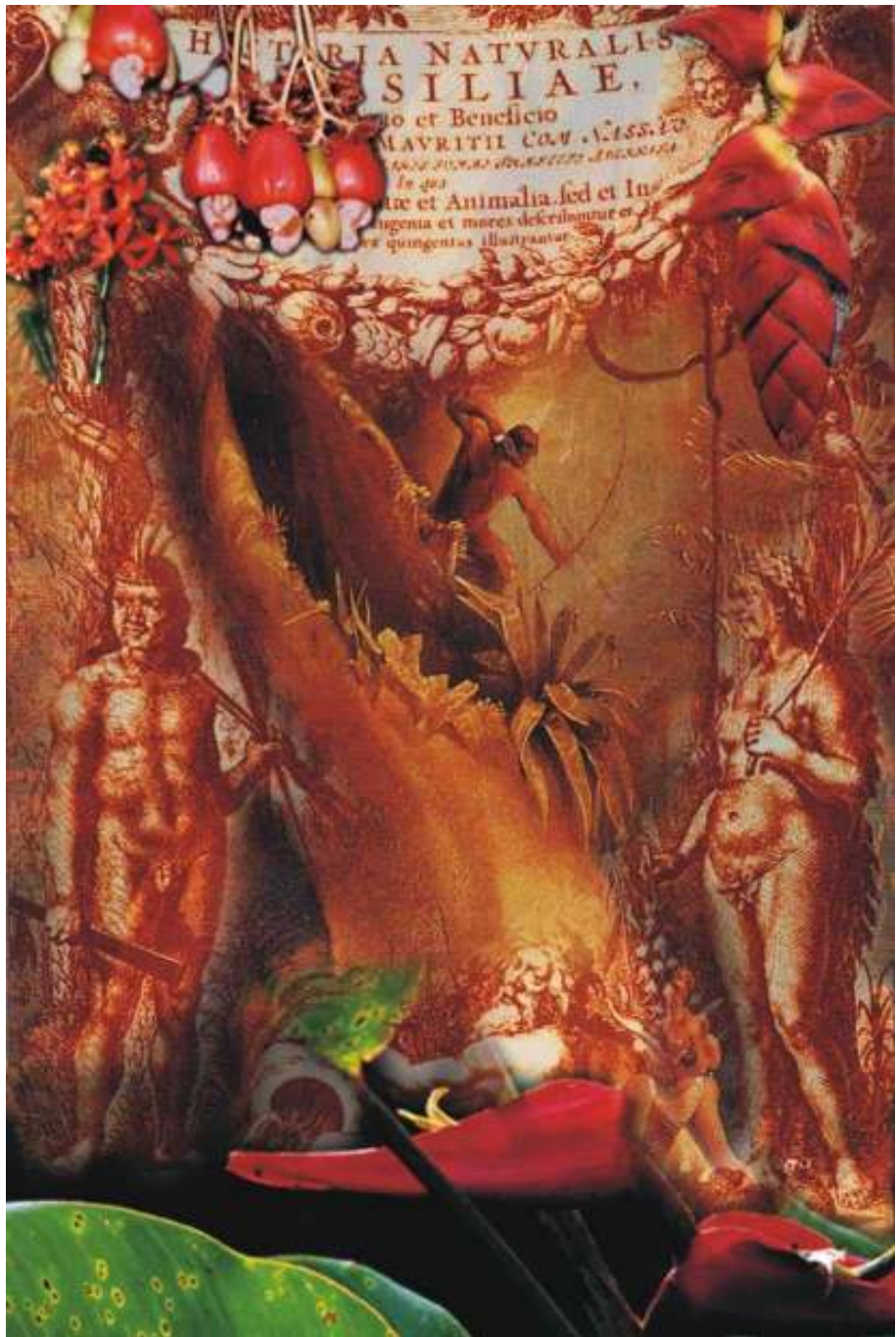
apropriar-se pela força ou pela trapaça do reino do céu. O paraíso terrestre, morada original e natural do homem, representado na história da Bíblia pelo Jardim do Éden desapareceu como utopia mesmo, como “atmosfera” afectiva ou como estado de espírito. Não se perca de vista que o *Novus Orbis* se descobre numa época sensibilizada pelo humanismo: os inumeráveis tratados *De dignitatis hominis* são uma prova inequívoca dessa sensibilidade e de um optimismo antropológico (Napoli, 1956, p. 9-41). O Prometeu de Robert Frost, atormentado, técnico, educador e utópico, não nos introduziu, afinal, no jardim. A questão crucial hoje não é: “Onde está o paraíso?”, sim: “para onde vai o mundo?” Mais afortunado parece ter sido Colombo, a quem as louçanias do Novo Mundo deram a sensação de paraíso. As novas descobertas prometem um tecno-paraíso aclimatizado, em que o tema do *memento mori* se tornou caduco – a morte é agora uma função inútil, uma realidade virtual. Regressa o tema de Matusalém envolto em roupagens que nem Cardim nem Gândavo reconheceriam nos humanos. Desvaneceu-se há muito o mundo cavalheiresco e heróico. À mistura com o motivo do *ubi sunt*, tão caro à tradição medieval, a “formosura” da “luz não usada” (Luis de León) seguiu sempre aqueles que, navegando ontem ou hoje, continuam na demanda do caminho da Terra sem Mal. E que resistem, com um molho de visões nos braços diante da terra incógnita que é todo o acontecimento e todo o encontro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Rio de Janeiro, 1925.
- CARREIRA, J. N. *Filosofia antes dos Gregos*. Mem Martins, Europa América, 1994
- COLÓN, C. Carta del Almirante Colón a sua Santidad (...). In: NAVARRETE, Martin Fernandez de. *Colección de los Viajes y Descubrimientos que Hicieron por Mar los Españoles*, 5 vols. Madrid, 1825-1837.v. II, pág. 327.
- DELUMEAU, Jean. *Une histoire du paradis*. Paris, Fayard, 1992.
- DURAND, J. M. Le mythologème du combat entre le dieu de l’orage et la Mer en Mésopotamie. *MARI* 7, Paris, n. 43, p.41-61, 1993.
- FONTANILLE, Jacques. Modes du sensible et syntaxe figurative. In: *Nouveaux Actes Sémiotiques*, PULIM, Université de Limoges, n.61-62-63, p. 47, 1999.
- FRYE, Northrop. *Le Grand Code. La Bible et la littérature*, Paris, Seuil, 1984.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. *Historia da Provincia de Santa Cruz*, s.l, s.d., p. 148.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil*, II. Rio de Janeiro, s.d.

- GOMARA, F. Lopez de. *Historia General de las Índias*. Barcelona, 1954, 2 vol. Mexico, ed. O’Gorman, 1962.
- GONÇALVES, Francolino. Bíblia e Natureza. A versão sacerdotal da criação (Gênesis, 1,1-2,4<sup>a</sup>) no seu contexto bíblico e próximo oriental. *Cadernos ISTA*, n.8, 1999.
- GRIMAL, P. *L’art des jardins*. Paris, PUF (Que sais-je?), s.d.
- GRIMAL, P. *Les jardins romains*. Paris, Fayard, 1984;
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. 4<sup>a</sup> edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985.
- LEVENSON, Jon D. *Creation and the Persistence of the Evil. The Jewish Drama of Divine Omnipotence*. San Francisco, Harper & Row, 1988.
- MARION, Jean-Luc. *La croisée du visible*. Paris, PUF, 1996.
- MOURÃO, José Augusto. A moralização das vergonhas naturais na Literatura Portuguesa do século XVI. In: *Asclepio*, v. XLIX, 1, pp. 169-179, 1997.
- NAPOLI, G. Di. “Contemptus mundo” e “dignitatis hominis” nel Rinascimento. *Rivista di filosofia neoscolastica*, v.48, p. 9-41, 1956.
- NAVARRETE, Martin Fernandez de. *Colección de los Viajes y Descubrimientos que Hicieron por Mar los Espanòles*, 5 vols. Madrid, 1825-1837.
- NÓBREGA, P. Manuel da. *Cartas do Brasil e mais Escritos*. Coimbra, s.e., 1953.
- PARRET, Herman. *Le sublime du quotidien*, Hadès-Benjamins, Paris-Amsterdam, 1988.
- PINTO, João da Rocha. O olhar europeu: a invenção do índio brasileiro. In: *Brasil*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1992, p. 52.
- REVENTLOW, H. Graf; HOFFMAN, Y. (eds.). *Justice and righteousness. Biblical themes and their influence*. Sheffield, JSOT Press, 1992. (JSOT. Suppl. Ser., 137).
- RICOEUR, Paul; LACOCQUE, André. *Penser la Bible*. Paris, Seuil, 1998.
- TORDESILLAS, Antonio Herrera Y. *Historia general de los hechos de los Castellanos en las ysylas y en Tierra Firme del Mar Ooceano (1499-1552)*. Madrid, Madrid, 1933-1953. (12 vol.).
- VASCONCELOS, P. Simão de. *Crónicas da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, 2<sup>a</sup>. edição. Lisboa, 1865.
- VASCONCELOS, P. Simão de. *Vida do P. Joam de Almeida da Companhia de Jesus na Província do Brasil*, p. 236.
- VESPUCCI, Amerigo. *Cartas de Viáje*, introd. e notas de Lucioano Formisano e trad. de Ana Maria R. de Aznar. Madrid, Alianza Editorial, 1989.
- VIANNA-DIAS, Mário; SOUZA, Anna Maria de Mello e. Visões míticas do Paraíso. In: *Missionação Portuguesa e encontro de culturas, Actas do Congresso Internacional de História*, Braga, vol. II, p. 640, 1993.
- VIEIRA, P. António. *Sermoens*, XV, reprodução fac-similada da edição de 1679. São Paulo, 1944-45.





**Figura 2** – A imagem de fundo é do frontispício do livro *História Naturalis Brasiliae*, escrito em 1640 por Guilherme Piso e Jorge Macgrave. Sobreposta a ela, está uma pintura de Johann Moritz Rugendas, intitulada *Índios na Mata Atlântica*. Imagens de cajus foram sobrepostas no bordo superior da figura.